

Aprenda

## Quem não tem pecado, que atire a 1ª pedra...

São José do Rio Preto, 14 de março de 2005

Fabiano Ferreira



Orlandeli/Editoria de Arte

01:06 - Todo mundo já se pegou martelando nas seguintes perguntas: o que é pecado?; pecamos todos os dias? cometemos pecados graves ou eles podem ser leves? todo pecado será castigado ou perdoado? São muitas as especulações. A palavra pecado é carregada de negativismo. Muitos a interpretam como falta grave, ofensa a Deus e ao próximo e condição de seres errantes. O dicionário Aurélio diz que, primeiramente, pecado é transgressão de preceito religioso, falta, culpa e vício. Ao pecado também se atribui a maldade e crueldade. As definições, no entanto, estão diretamente ligadas à educação, à cultura e aos preceitos morais. Embora o singificado seja bem diferente do primeiro pecado que se ouviu falar, o “pecado original” (em que Eva comeu o fruto proibido e o ofereceu a Adão), a palavra continua bem presente, seja nos discursos religiosos, seja na educação dada pelos pais ou nas rodas de bate-papo.

Os sete pecados capitais, por exemplo, são recorrentes na literatura e no cinema e nas artes em geral. Volta e meia, vêem-se discussões sobre avareza, gula, inveja, luxúria, ira, orgulho e preguiça. Há quem torça o nariz para a palavra e prefira substituí-la por expressões como falha e erro para fugir do peso que ela oferece. O fato é que não importa a interpretação. O pecado, ou erro (para desvincular a ação de preceitos religiosos), é inerente ao ser humano. Daí a adaptação de um trecho da Bíblia Sagrada: “Quem não tem pecado, que atire a primeira pedra”. A discussão vai longe. Qualquer pessoa que se lance a falar sua opinião sobre o que é pecado e suas implicações corre o risco de ser parcial, uma vez que a visão é muito particular e não serve de parâmetro para a diversidade do coletivo.

Para a psicóloga carioca Sônia Santos, autora do livro “Os Sete Pecados Revisitados”, os comportamentos ditos pecados devem ser encarados como pistas importantes para o crescimento pessoal e espiritual, já que cada vez mais nos deparamos com nossos preconceitos, seja por medo, rigidez ou desconhecimento, e acabamos estacionando, insistindo no erro.

Antes de encanar com o que é ou não pecado e como se redimir deles, é preciso promover mudanças internas para nos tornar suficientemente conscientes de nossos atos e suas conseqüências. “A felicidade é sermos capazes de senti-la. Sermos capazes de enxergá-la. E

sorver a vida a cada gota e absorver da gota sua verdadeira essência. O que fazemos aos outros ou o que fazem a nós é reflexo de nossas crenças e experiências. É reflexo daquilo que somos e de como encaramos a vida. Assim, o maior pecado talvez seja passarmos a vida no escuro por medo de não agüentarmos a claridade”, diz a psicóloga.



Psicóloga Sônia Santos, autora do livro “Os Sete Pecados Revisitados”

### **Fixar-se na idéia de pecado leva a neuroses**

A idéia de pecado continua muito presente na sociedade ocidental, independente da religião. Se o pecado for interpretado como limite, pode ser positivo, já que as pessoas terão a tendência de pensar melhor antes de cometer um erro. Caso contrário, quem se fixa na idéia do pecado pode viver uma vida limitada e até incorrer no erro por tentar viver tudo ao pé da letra. Daí vêm as neuroses e um processo complicado que mais aprisiona do que liberta para uma vida mais tranqüila e compensadora. Seguindo a tendência surgida nos últimos anos, de aliar a medicina à fé, a psicóloga carioca Sônia Santos é um dos profissionais que falam sobre a importância da crença para encarar os problemas com mais naturalidade (e resolvê-los) e se livrar de males como a depressão, que assola boa parte da população. Aos 43 anos, solteira e católica atuante, ela tem dedicado seu tempo a responder sobre a discussão do tema, iniciada em 2000, com o lançamento do site Psicologia e Fé ([www.psicologiaefe.com.br](http://www.psicologiaefe.com.br)) e do livro “Os Sete Pecados Revisitados” (Ideias & Letras).

### **Veja a entrevista concedida por telefone ao Diário:**

**Diário da Região** - Qual sua definição para pecado?

**Sônia Santos** - Como psicóloga e pessoa que também tem uma religião, não quero me deter a uma definição puramente teológica sobre pecado, mas sim relacionar tudo à experiência prática e viva do nosso cotidiano. Pecados são os comportamentos que nos desviam da vivência do amor a Deus e do amor ao irmão. Não agir assim significa estar vivendo uma situação de pecado. Pode ser algo pequeno ou grande, mas tudo é ruim porque nos faz ficar desequilibrados e muitas vezes até adoecer.

**Diário** - Os sete pecados ca-pitais são apenas uma simbologia? O pecado vai muito além deles?

**Sônia** - Sim. Existem pecados que são gravíssimos como os mortais. Os pecados são algo que abrange todo o nosso viver.

**Diário** - No imaginário popular existe a idéia de que há pecados leves e pecados graves, por exemplo. Como a senhora vê essa dualidade?

**Sônia** - Toda pessoa já se perguntou o que seria pecado. Há os que buscam na teologia as respostas e ficam sabendo teoricamente que há uma divisão. Mas o que eu busco através do meu livro e das conversas que tenho com as pessoas e das palestras é justamente propor uma reflexão maior e uma tomada de consciência de dentro para fora. Muitas pessoas se preocupam com os pecados e até vão se confessar, para ter uma mudança de vida, mas às vezes continuam errando e não conseguem fazer diferente.

**Diário** - É muito particular a maneira como as pessoas encaram o pecado? O que é pecado para mim pode não ser para o outro?

**Sônia** - É assim que acontece, embora não seja a melhor maneira de se ver a questão. Mas

existe um código de leis, que é a bíblia, que coloca de fora para dentro o que seria pecado. O ser humano não gosta muito de cumprir regras e quer a liberdade para fazer o que bem entender, mas muitas vezes se engana e acha que a nomenclatura pecado é uma coisa que já não faz mais parte dos dias atuais. As pessoas se iludem muito sem ter a noção do que certos comportamentos trazem de mal e são ruins para suas vidas. Há quem não considere a gula pecado, por exemplo.

**Diário** - A senhora não acha que a idéia de pecado faz muitas pessoas se limitarem, ter medo desnecessário e aí sim cometer erros?

**Sônia** - O medo nunca é o melhor caminho para prosseguir no crescimento, mas infelizmente é o que mais acontece. Temos medo de viver, medo de morrer. Mas por buscarmos tão pouco nos conhecer tentamos puramente seguir o que é certo e o que é errado, o que é limitante, pois ninguém pode vencer um comportamento que até se caracteriza pecado indo por esse caminho restritivo, com a regra pela regra. O que importa é cada um pensar mais a respeito dessa questão, se ver dentro das situações, sem culpa ou medo, mas com uma reflexão para viver uma vida maior, melhor e mais abrangente, embora dê muito mais trabalho.

**Diário** - O que seria um "pecado moderno", do homem do terceiro milênio?

**Sônia** - Acho que os pecados capitais ainda são muito atuais. Mas não encaramos assim, pois, voltando ao exemplo da gula, não a vemos como pecado, mas até como uma doença. Os pecados só mudaram de nome e variações. Hoje as pessoas adoecem em função de uma compulsão, por exemplo, que em seu comportamento original seria considerado um pecado. Mas as concepções precisam ser revistas numa perspectiva de dentro para fora.

**Diário** - No discurso de algumas religiões, como a católica, por exemplo, a palavra pecado está muito presente, assim como há crenças em que se pronunciam muito palavras como "satanás". Como a senhora vê essa onipresença da palavra?

**Sônia** - Cada religião tem um tom diferente e compreende suas crenças de modo diverso. No catolicismo, por exemplo, a palavra pecado era ainda mais presente no antigo testamento porque as pessoas não respeitavam limites seus e dos outros e enveredavam por caminhos muito complicados. A narrativa do antigo testamento colocava um medo, um freio, um aviso de que era para parar, pensar em questões que eram sérias e prejudiciais. Hoje, ao ter a noção de pecado, muitos se assustam e param determinados comportamentos naquele exato momento em que aparecem. Mas há também quem acredite que haverá uma solução que cairá do céu. Tudo depende de cada um e do momento que está vivendo. Às vezes, substituir a palavra pecado por erro pode soar tão leve que a pessoa nem pensa sobre o que está fazendo.

**Diário** - Numa sociedade como a nossa é impossível viver sem pecado?

**Sônia** - Uma vez que estamos vivendo cometemos erros, pois somos cheios de vontade. E fazer valer a nossa vontade pode levar ao erro. E o contrário de pecado é amor. Se realmente vivêssemos o amor e amássemos de verdade não precisaríamos de tantas regras.

**Diário** - Os pecados, quando reconhecidos, e sua revisão podem ser o caminho para o crescimento?

**Sônia** - Viver é acertar, mas também a maior parte das vezes errar. O mais importante, nesse caminho de crescimento, é não só olhar os pecados dos outros, mas também entender os nossos próprios pecados. Com isso, entramos num caminho difícil, mas que seria ideal que é a prática da aceitação. E esta aceitação é a de nos vermos igual ao outro, como errantes, bons ou maus.

**Diário** - O pecado se paga aqui e agora ou depois que morremos?

**Sônia** - Por não conseguirmos viver o amor somos vítimas de nossas atitudes. Nos preocupamos muito com o mal que vem de fora e nos esquecemos que o pior é o que cultivamos dentro de nós. Então, quem só pensa mal das pessoas e só vê o mal nelas já estaria vivendo no inferno.

**Diário** - Quem é educado sem a noção de pecado, mas sim ouvindo que as faltas são erros passíveis de reparação, tem uma sensação de maior liberdade?

**Sônia** - A noção que temos do que é conhecido como pecado está muito ligada à educação e ao conhecimento. Mas o que importa muito são os exemplos. Se os pais não educarem mostrando o que é pecado, pode deixar com que a pessoa só tenha a regra pela regra, embora as palavras não sejam condizentes com as ações.

**Diário** - Mas a idéia de pecado é responsável por muitas crises e neuroses.

**Sônia** - Sim. As pessoas se baseiam muito pela regra, a lei pela lei. Mas o que importa é sair disso, é viver o amor. Se não houver a noção do amor, mas só a da regra, as pessoas podem até achar que não são merecedoras da absolvição e que não podem viver se aceitando e

aceitando os outros como são. Todos nós somos errantes e vivemos situações de pecado. O grande problema é se fixar demais no conceito de pecado, mas não vêem que a saída para tudo é o amor.

**Diário** - Há uma tendência em unir a medicina à fé. Como a senhora trabalha a psicologia e a fé?

**Sônia** - Em todos estes anos de trabalho na psicologia sempre considerei a fé tanto no tratamento quanto na escuta dos pacientes. Não coloco nenhum tipo de religião na terapia e acho que isso deve ser inteiramente restritivo e limitador. Enquanto profissional não tenho o direito de fazer isso, pois o espaço é do paciente e é preciso haver neutralidade para que eu não coloque meus pensamentos. Mas é claro que se algo for perguntado, respondo mas sem querer opinar ou achar que minha religião é a que vale. Quando fiz terapia e tive necessidade de falar da minha fé fiquei muito frustrada porque o terapeuta disse: "Aqui vamos falar dos seus problemas, e se quiser falar dessas coisas vai procurar um padre ou astróloga". Isso mexeu profundamente comigo e vi que a relação não poderia ser assim tão limitadora.

**Diário** - Qual a importância da fé na resolução de problemas como depressão?

**Sônia** - Acho que a depressão é o caso que mais ilustra a relação entre fé e psicologia. Existem muitos tipos de depressão, ligadas até a fatores de desequilíbrio químico, mas há também aqueles que têm a ver com a falta de sentido para a vida. Então nesse campo, a fé é muito importante. O homem moderno quer exercer todo seu poder e liberdade e, apesar de conseguir realizar todos seus projetos, ele não consegue ser feliz e preencher um vazio existencial que carrega dentro de si. Assim, se abre um espaço e a pessoa sente a necessidade de buscar entender o que está fazendo aqui nesta vida.

**Diário** - Então as pessoas descrentes têm mais dificuldade em resolver seus problemas de comportamento?

**Sônia** - Acho que sim. Já atendi muita gente que se dizia descrente, mas eram pessoas que até pareciam querer buscar o caminho das pedras para ter algum tipo de alento, sentido. Mas muitas pessoas que dizem não acreditar gostariam de ser diferentes, sentir diferente. São pessoas que vão até determinado ponto, mas não conseguem passar. Daí reclamam de médicos, de remédios e que nada adianta. Ou que ninguém consegue ajudá-las suficientemente, mas não cogitam a possibilidade de buscar um outro sentido para suas vidas.